

REFLEXÕES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES DOCENTES FRENTE AO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Jessica Kelly Sousa Ferreira (1);

SEE-PB, jessicaferreiraprofe@gmail.com¹;

Resumo: A presente proposta tem como objetivo refletir um pouco acerca da relação que há entre a representação social docente mobilizadas e vivenciadas por docentes em diferentes fases da sua carreira profissional: nos anos finais da formação inicial da universidade, nos cinco primeiros anos de prática em sala de aula e após quinze anos em sala de aula. Compreendemos que cada um desse grupo de docentes se vê enquanto professor e tem um entendimento diferente da sua prática social, principalmente frente as novas demandas postas na educação atreladas ao uso das tecnologias digitais nos espaços educativos. Deste modo, a rápida disseminação das tecnologias digitais e o uso desses recursos, inclusive, nos ambientes educativos, tem influenciado na maneira em que os professores se veem e, acima de tudo, na maneira em que eles colocam em prática os processos de ensino e aprendizagem. Assim, buscamos refletir um pouco para compreender como essas representações sociais/docentes podem ser redimensionadas a partir dessa nova dinâmica digital.

Palavras-chave: Representações sociais, Representações docentes, Tecnologias Digitais.

1 Introdução

O objetivo desse artigo é entender qual é a concepção de representação social docente demonstrada por professores, desenvolvidas na/sobre a escola básica, na composição da prática social do professor, e como ele percebe e articula tais representações que foram constituídas culturalmente e têm sido redesenhadas a partir de aspectos filosóficos, sociológicos, culturais e educacionais dos seres humanos enquanto utilizadores das tecnologias digitais.

Tal abordagem vislumbra compreender, a priori, as implicações das representações sociais no saber-fazer docente. Como diz Passini (2015, p. 12): “não é o diploma que nos torna professores, mas sim a história vivida e refletida como profissionais, a cada dia, a cada aula, a cada confronto com novos desafios” e Grossberg (2012) quando explana a importância de análises culturais que estimulem a reflexão e a crítica atreladas à novas realidades investigativas emergentes nas sociedades contemporâneas.

A princípio, o modelo das representações sociais baseava-se na ótica de uma relação linear e hierárquica, demonstrando uma equivalência entre saber e poder. “Nesta visão o receptor da informação era considerado como uma tábua rasa, uma cera virgem na qual se inscreviam as informações transmitidas numa relação vertical entre um emissor detentor do saber e um receptor ignorante e passivo” (JODELET, 2015, p.64). Tal afirmação, no âmbito da educação, tem relação com o que Freire (1971) já conceituava como educação bancária, caracterizando os processos de ensino e aprendizagem verticais entre professor e aluno, em que a representação social e cultura

docente expunham um professor detentor do saber e único sujeito ativo de tais processos.

Analisando os estudos pontuados até aqui, vemos a relação entre representações sociais e estudos culturais na educação quando percebemos as possíveis mudanças que podem ter sido (re)construídas quanto ao papel social do professor, principalmente após a propagação do uso das tecnologias digitais.

Arruda (2015) indaga quanto às modificações causadas pela globalização e disseminação das informações que podem gerar uma redefinição das representações sociais, pois, para a autora, as representações sociais são mutáveis e acompanham as condições de vida social e a ideação coletiva em relação ao contexto em que as relações estão inseridas.

Partimos do pressuposto de que as representações sociais do professor nos anos finais de formação nos cursos de Licenciatura refletem as representações docentes provenientes da formação inicial, ainda entranhada de sonhos e anseios, enquanto as representações dos professores nos primeiros cinco anos de trabalho já demonstrarão aspectos da realidade e da complexidade da sala de aula. Acreditamos ainda que as representações sociais dos alunos demonstrarão os impactos e as necessidades emergidas a partir do uso das tecnologias digitais. Assim, pressupomos que há a reconstrução das representações sociais, a partir do viés cultural promovido pelas tecnologias digitais e o rápido acesso a informação.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E REPRESENTAÇÕES DOCENTES

Jovchelovitch (2008, p. 108) indica que “as representações sociais constituem campos de saber em movimento que, por meio de processo de comunicação, empregam a ancoragem e a objetificação para tornar o não-familiar, familiar”. Segundo o autor, os conceitos de ancoragem e objetivação são mecanismos geradores das representações sociais. A ancoragem retrata a necessidade de ancorar ideias estranhas e coloca-las em um contexto familiar. Já a objetivação almeja transformar algo abstrato em algo quase concreto, através da transferência do que está na mente para algo que exista no mundo físico.

Perante as mudanças de vivências e convivências emergentes a partir do uso das tecnologias digitais, e, conseqüentemente, as modificações experienciadas nos processos de ensino e aprendizagem, presumimos também a necessidade de estabelecer um paralelo entre as representações sociais já naturalizadas, em relação à prática social docente, encontradas nos saberes do senso comum, especificamente atreladas aos construtos sociais do grupo de alunos, como também de professores em formação, nos anos finais das licenciaturas, e de professores atuantes por um período entre um a cinco anos em sala de aula.

Escosteguy (2010) *apud* Marques (2016, p. 85) destaca que:

Os estudos culturais postulam que as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade; isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, são intrínsecas. Ou seja, para se entender a sociedade é preciso compreender seus produtos culturais. [...] A cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica.

Segundo Simon (2012), esse novo paradigma emergente a partir das tecnologias digitais, que modifica também as representações sociais e culturais do professor, a nova dinâmica de sala de aula, os novos modelos de escola e de aluno e as redimensões dos processos de ensino e aprendizagem podem ser considerados “tecnologias culturais”, visto que o professor estrutura e governa novas formas de trabalho e ações locais, que, de certa forma rompem com o já estabelecido convencionalmente, e proporcionem novos caminhos promissores aos processos de ensino e aprendizagem, sendo assim colaboradoras para alunos e professores.

Percebemos assim que, possivelmente, as representações sociais do ser e fazer docente, na sociedade contemporânea, envolvem novos elementos que não eram passíveis de exploração antes do uso das tecnologias digitais.

No entanto, o paralelo existente entre as representações sociais dos professores em formação e daqueles nos anos iniciais de carreira podem demonstrar um abismo entre as representações sociais já enraizadas, que legitima o professor como aquele que sabe e produz saber, ativo no processo, abrindo espaço para uma nova visão cultural e social que redesenha o papel do professor a partir do uso das tecnologias digitais.

Tais afirmativas ainda podem gerar um paradoxo, em relação as representações sociais dos professores em formação, a medida que estão inseridos em discussões didático/pedagógicas, dentro da academia, que clamam por inovação e mudanças contextuais, enquanto a universidade continua, na maioria das vezes, sendo um espaço de representações sociais hierarquizadas e fixas. Nóvoa (2009, p.06) aponta que:

É verdade que existe, no espaço universitário, uma retórica de “inovação”, de “mudança”, de “professor reflexivo”, de “investigação-ação”, etc.; mas a Universidade é uma instituição conservadora, e acaba sempre por reproduzir dicotomias como teoria/prática, conhecimento/ação, etc. A ligação da Universidade ao terreno (curiosa metáfora!) leva a que os investigadores fiquem a saber o que os professores sabem, e não conduz a que os professores fiquem a saber melhor aquilo que já sabem. (NÓVOA, 2009, p. 06).

Nesse contexto, é essencial que reflitamos acerca das diferentes representações sociais da prática docente, não apenas como uma forma de entender como o próprio professor se sente e se situa enquanto profissional, mas também com a perspectiva de estabelecer um aporte histórico e cultural que embase tais representações, até mesmo as construídas e vivenciadas pelos alunos.

É necessário entender as representações sociais enquanto um caminho promissor para compreender o ponto de vista do professor em relação a si mesmo e a sua função e prática social na sociedade contemporânea. Muito se fala em inovar e utilizar tecnologias digitais atreladas ao processo de ensino e aprendizagem. As tecnologias já têm invadido as escolas, seja via políticas públicas ou através dos dispositivos particulares dos alunos. No entanto, por vezes, esquece-se de analisar e compreender os pontos que definem a visão do professor em relação a tantas mudanças contextuais e culturais.

A partir disso, os próprios professores poderão compreender melhor os novos aspectos emergentes que causam incômodo e insegurança quanto ao desempenho do trabalho docente e uma possível instabilidade nas representações sociais docentes da sociedade contemporânea.

Alves (2012) ao refletir acerca das representações sociais no âmbito educacional, retrata a existência das crises de sentido do mundo atual, em que questões até então já sistematizadas e enraizadas são colocadas em questionamento. Tais questões são consequências do entendimento quanto à participação e importância dos indivíduos na sociedade, dentro de suas vivências e práticas sociais e da constituição do sujeito em suas diferentes demandas sociais e identitárias. Corroborando com essas informações, Moscovici (2003) afirma que as representações sociais estão em constante mudança e buscam tornar o não familiar em familiar. Essa dinâmica pressupõe uma estratégia de sobrevivência frente ao que é novo almejando o equilíbrio frente a algo que vem de fora, algo diferente, que provoca desarmonia e instabilidade nos esquemas conceituais que determinado grupo já possui.

À luz de Tardif (2013), compreendemos que os docentes não modificam suas crenças e percepções sobre o ensino quando inseridos nos cursos de formação docente. Essas percepções e conceitos só são revistas e, possivelmente redefinidas, na prática da sala de aula, como forma de lidar com os problemas profissionais. É comum que, no início da carreira, alguns professores descubram as limitações dos seus saberes pedagógicos e os entraves da realidade da educação pública, fazendo com que as representações concebidas no seio das instituições de formação vão de encontro às representações construídas na prática docente. No entanto, fazem reavaliações e julgamentos acerca de sua representação ao longo da carreira, tal como julgam como interessantes, utópicas e/ou realistas as mudanças introduzidas nos programas ou nos métodos de ensino.

Segundo Morgado (2005, p. 81):

A abordagem da cultura docente demonstra o peso da tradição referente às crenças culturais sobre o conhecimento, o ensino e a aprendizagem; a tendência de os professores colocarem em prática situações que viveram como estudantes; as rotinas pedagógicas instaladas, a persistência de determinadas normas escolares; o isolamento profissional; a organização do currículo por disciplinas; entre outros, proporcionam uma estabilidade que dificulta a adaptação dos professores no atual contexto social. No caso, seria necessário um equilíbrio entre significados que remetem à tradição e ao novo.

Destacamos que, a reflexão acerca da representação social que o professor tem de si próprio e a análise acerca das representações dos alunos pode se tornar um campo de estudo e de ideias que colaborem com o posicionamento do professor no contexto social em que foi formado, tal como o ajuda a situar-se nas transformações promovidas pela sociedade contemporânea, a partir do uso das tecnologias digitais.

De acordo com Arruda (2015, p. 107), as representações sociais estão intimamente relacionadas com a ideia da legitimidade partilhada e de democracia, hoje potencializada a partir do uso das tecnologias digitais:

Isto implica que as RS estariam intimamente relacionadas com o poder de acesso ao conhecimento e crenças legítimas. Moscovici (1961) já tinha referido que as RS só se poderão desenvolver onde as pessoas com pontos de vista diferentes conseguirem falar e exprimir-se, por isso, sob uma ditadura severa que não deixe lugar à diversidade de pensamento, estas não se desenvolveriam. Por outras palavras, o surgimento das representações sociais iria depender, até certo grau, da democracia.

No decorrer da carreira docente, o professor indaga e/ou envolve em sua prática cotidiana ou até mesmo retraduz as representações sociais oriundas da formação docente, acumuladas individualmente, mas socializadas e produzidas de forma coletiva. As representações geradas a partir da experiência e da interação com os alunos também são constantemente repensadas e redefinidas. Todas essas representações têm sua legitimidade, porém, se analisadas de forma isolada, não sustentam a prática docente. Em tese, o professor almeja adaptar à sua prática as representações que, de certa maneira, contribuirão para o exercício cotidiano da profissão.

No entanto, embora inseridos em um discurso de inovação e necessidade de mudança e do hipotético enfoque em uma representação docente mediadora e aberta ao novo, paradoxalmente, os professores e alunos ainda estão inseridos em um ambiente escolar enrijecido. De acordo com Fava (2014):

É verdadeiro que a escola é uma instituição que há 5 mil anos se funda no falar/ditar do docente, nos escritos alfarrábios do discente e, há quatro séculos, em uso moderado de material didático impresso. É certo também que, apesar de os teóricos venderem a educação centrada na aprendizagem, mesmo com o advento da tecnologia, o foco permaneceu centrado no ensino (FAVA, 2014, p. 190).

Para Tardif (2013), a questão do saber dos professores, que envolve suas representações sociais e identidades docentes, não pode ser dissociada das outras dimensões atreladas ao processo de ensino e aprendizagem, nem tão pouco das atividades realizadas cotidianamente pelos docentes de profissão, pois, o saber (e as representações sociais) é dinâmico, construído e reconstruído

antes, durante e até mesmo depois da carreira profissional.

É necessário entender as representações sociais enquanto um caminho promissor para compreender o ponto de vista do professor em relação a si mesmo e a sua função e prática social na sociedade contemporânea. Muito se fala em inovar e utilizar tecnologias digitais atreladas ao processo de ensino e aprendizagem. As tecnologias já têm invadido as escolas, seja via políticas públicas ou através dos dispositivos particulares dos alunos. No entanto, por vezes, esquece-se de analisar e compreender os pontos que definem a visão do professor em relação a tantas mudanças contextuais e culturais.

A partir disso, os próprios professores poderão compreender melhor os novos aspectos emergentes que causam incômodo e insegurança quanto ao desempenho do trabalho docente e uma possível instabilidade nas representações sociais docentes da sociedade contemporânea.

Alves (2012) ao refletir acerca das representações sociais no âmbito educacional, retrata a existência das crises de sentido do mundo atual, em que questões até então já sistematizadas e enraizadas são colocadas em questionamento. Tais questões são consequências do entendimento quanto à participação e importância dos indivíduos na sociedade, dentro de suas vivências e práticas sociais e da constituição do sujeito em suas diferentes demandas sociais e identitárias. Corroborando com essas informações, Moscovici (2003) afirma que as representações sociais estão em constante mudança e buscam tornar o não familiar em familiar. Essa dinâmica pressupõe uma estratégia de sobrevivência frente ao que é novo almejando o equilíbrio frente a algo que vem de fora, algo diferente, que provoca desarmonia e instabilidade nos esquemas conceituais que determinado grupo já possui.

Situamos os professores em um contexto de mudanças determinantes atreladas aos processos de ensino e aprendizagem e na vivência cotidiana com alunos que se diferenciam dos alunos do passado, visto que hoje estão em contato frequente com uma gama de informações democratizadas, como proposto por Serres (2013) quando conceituou a “nova democracia” do saber a partir do uso das tecnologias digitais.

Assim, os processos socioculturais que envolvem as práticas docentes são determinantes e constituintes nas representações sociais dos indivíduos que a compõem. As representações envolvem desde pensamentos únicos e individuais, até como tais pensamentos, ideias e conceitos se tornam parte do conhecimento coletivo.

Valsiner (2015, p. 29) ao abordar as representações sociais enquanto diferentes entendimentos de mundo atrelados à adaptações flexíveis e circunstâncias de mutação conceituais afirmando que:

É um projeto teórico de envergadura na intersecção da psicologia e da sociologia – procurando dar sentido à pessoa enquanto agente ativo numa dada sociedade. Esse papel ativo é tornado possível pela internalização dos sistemas de

significado que são operacionais em paralelo com os níveis coletivo e pessoal.

É neste aspecto que Nóvoa (2009, p. 27) destaca a necessidade da mudança, mesmo que nem sempre se consiga definir o rumo, pois “há um excesso de discursos, redundantemente e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas”.

O desenvolvimento histórico e cultural e as transformações nos processos de representações docentes têm solicitado ao professor o exercício do trabalho com maior protagonismo e autonomia. Sanches (2010) respalda que os professores se veem convidados a exercer um papel mais determinante no processo histórico de constituição da profissão e desenvolvimento do ensino.

Sendo assim, podemos inferir que as representações sociais constituídas em sala de aula no início da docência apresentam uma carga identitária das representações construídas na universidade, na vida cotidiana e na relação com os demais docentes, já que, para nós, as representações sociais são circulares e integrantes.

Para que o professor da Educação Básica possa situar as diversas representações sociais em sua prática docente, torna-se necessário que a academia seja palco de reflexões sobre as possibilidades formativas de conceitos, competências e habilidades que promovam a preparação para a realidade do mundo da educação, considerando a aquisição de conhecimentos e conceitos.

Do mesmo modo, as representações sociais dos alunos em relação à prática docente são importantes, pois desvelam o condicionamento das Representações Sociais, proposto por Arruda (2015). A autora ainda situa a discussão das representações em um contexto de mobilidade e capacidade de mudança.

Nessa mesma perspectiva, Larrosa (1994, p. 36) explicita que os estudos culturais em educação também devem ser aqueles em que “se produz ou se transforma a experiência que as pessoas têm de si mesmas”. O autor ainda argumenta que “um dispositivo pedagógico será, então, qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo” (Larrosa, 1994, p. 57).

REFERÊNCIAS

ALVES, Walcéa Barreto. **A escola no espelho: as representações dos alunos**. Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2012.

ARRUDA, Angela. **Modernidade & cia: repertórios de mudança**. In: JESUÍNO, Jorge Correia; *et. al.*, (orgs.). *As representações sociais nas sociedades em mudança*. RJ: Vozes, 2015.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação Bancária e Educação Libertadora**. In: PATTO, Maria Helena. São

Paulo: T. A. Queiroz, 1971.

GROSSBERG, Lawrence. **Existe lugar para os intelectuais no novo radicalismo? Três paradigmas.** In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org.). Estudos Culturais e educação: desafios atuais. Canoas: Editora da ULBRA, 2012.

JODELET, Denise. **Vinte anos da teoria das representações sociais no Brasil.** In: Oliveira, D.C. & Campos, P.H.F. (Orgs.). Representações sociais, uma teoria sem fronteiras. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e a diversidade do saber.** In: S. Jovchelovitch (Org.). Os contextos do saber – representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____, Denise. **O encontro dos saberes.** In: JESUÍNO, Jorge Correia; *et. al.*, (orgs.). As representações sociais nas sociedades em mudança. RJ: Vozes, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo: Cortez, 2011.

MARQUES, Rafael Rodrigues Lourenço; MUSIS, Carlo Ralph de. **Representações sociais do professor: Comunicação, educação e psicologia social.** 1. Ed. Curitiba: Appris, 2016.

MORGADO, José Carlos. **Currículo e profissionalidade docente.** Porto: Porto Editora, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **O fenômeno das representações sociais.** In: G. Duveen (Org.). Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009.

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SANCHES, Claudivan. **O professor de Geografia e os saberes profissionais: o processo formativo e o desenvolvimento da profissionalidade.** São Paulo: USP, 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SIMON, Roger J. **A pedagogia como uma tecnologia cultural.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VALSINER, Jaan. **Hierarquia de signos – Representação social no seu contexto dinâmico.** In: JESUÍNO, Jorge Correia; *et. al.*, (orgs.). As representações sociais nas sociedades em mudança. RJ: Vozes, 2015.